

Luís Vaz de  
Camões  
(século XVI)



(Desenho a pena, de Almada Negreiros)

#### IV

E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mi um novo engenho ardente;  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mi vosso rio alegremente;  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo grandíloco e corrente;  
Por que de vossas águas Febo ordene  
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

#### V

Dai-me uma fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou frauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda:  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no Universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.

## *Os Lusíadas,* a (1ª) invocação



#### IV

E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mim um novo engenho ardente;  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mi vosso rio alegremente;  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo grandíloco e corrente;  
Por que de vossas águas Febo ordene  
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

#### V

Dai-me uma fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou frauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda:  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.

## *Os Lusíadas,* a (1ª) invocação

Marcas discursivas:

- Pronomes, determinantes e verbos – 2ª pessoa do plural;
- Vocativo/apóstrofe;
- Imperativo.

## A arte de...

“agreste avena ou  
fruta ruda”



“verso humilde”



**Poesia lírica**

“tuba canora e  
belicosa”



“estilo grandíloco e  
corrente”

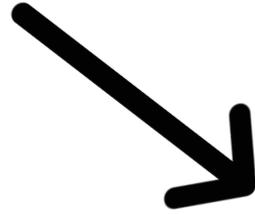
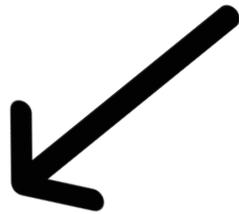


**Poesia épica**

Os *Lusíadas*,  
a (1ª) invocação

*... um novo engenho  
ardente...*

Para quê um estilo solene e eloquente?



Para que o poema do poeta português nada fique a dever às obras dos poetas gregos – *Por que de vossas águas, Febo ordene /Que não tenham inveja às de Hipocrene*



**Superação dos modelos antigos (classicismo)**

Para que a forma se adeque à matéria narrada, ou seja, é necessário um *igual canto aos feitos da famosa Gente vossa, que a Marte tanto ajuda*. Isto, obviamente, se tão sublime preço cabe em verso.



**Mitificação do herói**

## Os *Lusíadas*, a (1ª) invocação



## VI

E vós, ó bem nascida segurança  
Da lusitana antiga liberdade;  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena Cristandade:  
Vós, ó novo temor da Maura lança,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande  
Para do mundo a Deus dar parte grande

## VII

Vós, tenro e novo ramo florescente  
D' uma árvore de Cristo mais amada,  
Que nenhuma nascida no Ocidente,  
Cesarea ou cristianíssima chamada:  
Vede-o no vosso escudo, que presente  
Vos mostra a vitória já passada,  
Na qual vos deu por armas, e deixou  
As que ele para si na Cruz tomou;

[...]

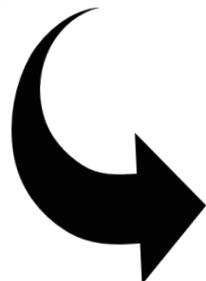
## *Os Lusíadas,* a dedicatória



# Os Lusíadas, a dedicatória



- garante da independência
- garante da expansão da Fé
- subjugador dos mouros
- *maravilha fatal*, eleita por Deus
- o descendente de Deus que Este mais ama
- *poderoso Rei*



**Panegírico de D. Sebastião**

## Exórdio

(I, est. VI – VIII)



Captação da atenção do destinatário, o monarca



### Marcas discursivas:

- Vocativo/apóstrofe
- Pronomes, determinantes e flexão verbal – 2ª pessoa do plural
- Imperativo

## IX

Inclinai por um pouco a majestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que já se mostra, qual na inteira idade,  
Quando subindo ireis ao eterno Templo;  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão; vereis um novo exemplo  
De amor dos pátrios feitos valerosos,  
Em versos divulgado numerosos

## X

Vereis amor da pátria, não movido  
De prémio vil, mas alto e quasi eterno;  
Que não é prémio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daquele de quem sois senhor superno  
E julgareis qual é mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

## *Os Lusíadas,* a dedicatória



# *Os Lusíadas*, a dedicatória

Camões, em posição de assumida subalternidade face ao monarca, apresenta a sua obra como:

- *um novo exemplo/de amor dos pátrios feitos valerosos,/em versos divulgados numerosos*
- *portadora de um amor à pátria, não movido/de prémio vil, mas alto e quase eterno*



O seu canto permitirá ao Rei ganhar consciência do valor dos Portugueses:

*E julgareis qual é mais excelente  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente*

**Exposição**  
(I, est. IX -XI)



Apresentação do tema do canto: a heroicidade dos Portugueses

# *Os Lusíadas*, a dedicatória

O valor dos portugueses é superior ao dos heróis antigos (retoma da ideia da proposição):

*Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas*

Os feitos dos portugueses são tão heroicos que ultrapassam todas as façanhas inventadas, *fabulosas*, dos heróis antigos.



**Mitificação do herói**

**Exposição**  
(I, est. IX -XI)



Apresentação do tema do canto:  
o valor dos Portugueses

# *Os Lusíadas*, a dedicatória

Em vez de um *Rodamonte*, de um *Rugeiro* e de um *Orlando*, heróis ficcionais da Antiguidade...



O poeta dará conta de heróis portugueses reais, históricos, como Nuno Álvares Pereira, Egas Moniz, D. Fuas Roupinho e, claro está, o *ilustre Gama*, entre outros tantos exemplos.

## **Confirmação**

(I, est. XII - XIV)



Apresentação de  
exemplos

## XV

E enquanto eu estes canto, e a vós não posso,  
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,  
Tomai as rédeas vós do reino vosso,  
Dareis matéria a nunca ouvido canto.  
Comecem a sentir o peso grosso  
(Que pelo mundo todo faça espanto)  
De exércitos, e feitos singulares  
De África as terras, e do Oriente os mares

[...]

## *Os Lusíadas,* a dedicatória



# *Os Lusíadas*, a dedicatória

Enquanto o poeta immortaliza o passado glorioso português, compete a D. Sebastião governar sabiamente e, assim, dar *matéria a nunca ouvido canto*.



Exortação a D. Sebastião, monarca mitificado pelo povo em quem Camões via a possibilidade de voltar à grandeza do passado dos heróis cantados num presente marcado já pelos efeitos perversos dos descobrimentos

**Peroração**  
(I, est. XV - XVII)



Pedido ao Rei

## *Os Lusíadas*, a dedicatória

O poeta reitera a intenção de oferecer os seus versos ao Rei D. Sebastião e pede a proteção régia ao mesmo tempo que convida o monarca a ouvir as façanhas dos *Argonautas* portugueses que já se encontram em pleno mar.

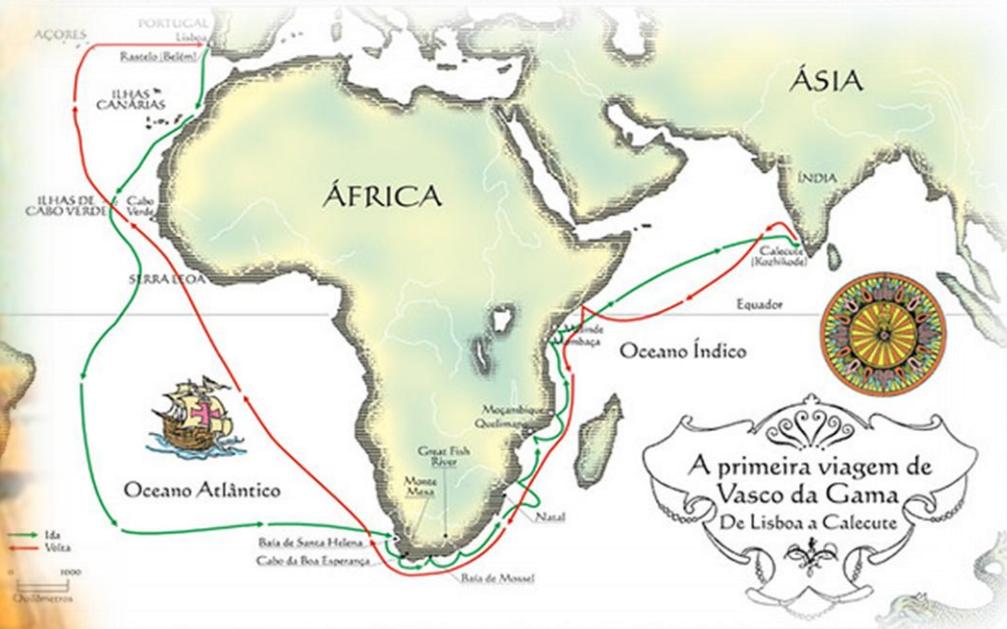


**Início da narração**

**Epílogo**  
(I, est. XVII)



Conclusão da  
dedicatória que será  
retomada no canto X,  
estância CXLVI

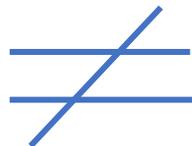


# Plano das Reflexões do Poeta – Plano lírico (incluído na Narração – estrutura interna)

## *Os Lusíadas*

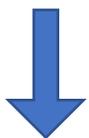
### Planos narrativos:

✓ Tom épico/eufórico

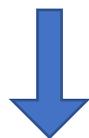


### Plano lírico (normalmente, no final de Canto)

✓ Tom antiépico/disfórico



- exaltação do passado heroico

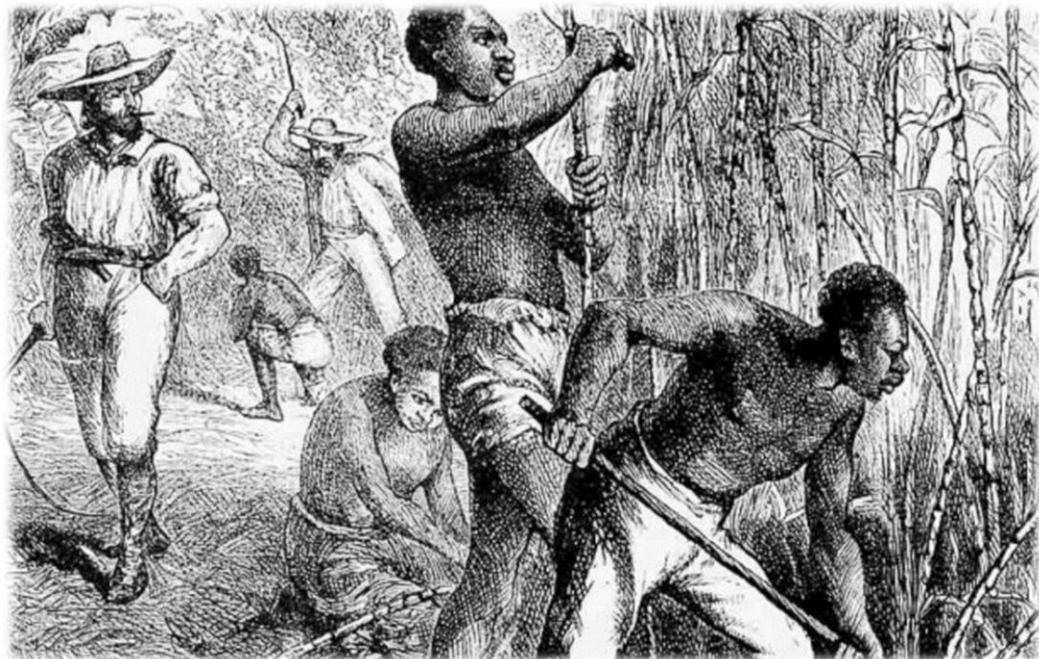


- críticas
- lamentações
- desabafos
- exortações



ao Portugal decadente, contemporâneo de Camões

**ESPAÇO DEDICADO À  
TRADUÇÃO EM LÍNGUA  
GESTUAL PORTUGUESA**

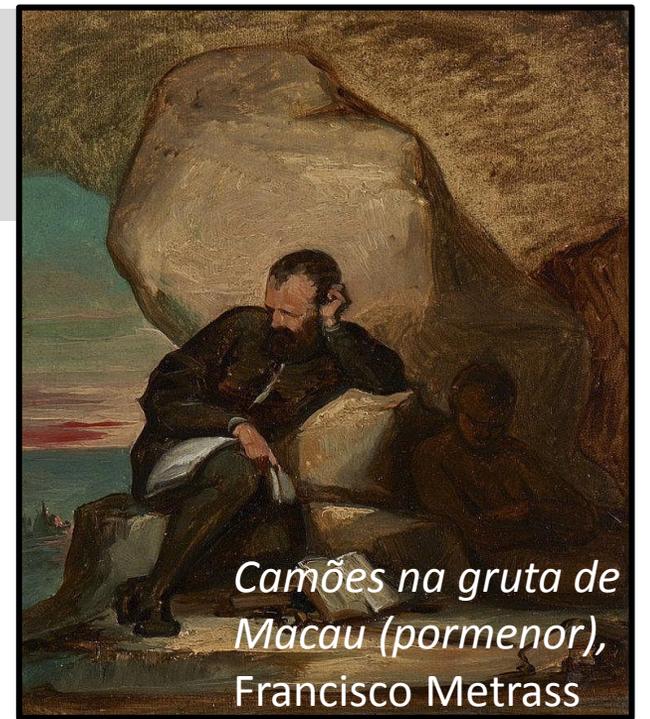


**ESPAÇO DEDICADO À  
TRADUÇÃO EM LÍNGUA  
GESTUAL PORTUGUESA**

O recado que trazem é de amigos,  
Mas debaixo o veneno vem coberto;  
Que os pensamentos eram de inimigos,  
Segundo foi o engano descoberto.  
Oh! grandes e gravíssimos perigos!  
Oh! caminho de vida nunca certo:  
Que aonde a gente põe sua esperança,  
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar, tanta tormenta, e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade avorrecida!  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme, e se indigne o Céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Reflexão: **Fragilidade  
da vida humana**  
(Canto I, ests.105,106)



*Camões na gruta de  
Macau (pormenor),  
Francisco Metrass*

**ESPAÇO DEDICADO À  
TRADUÇÃO EM LÍNGUA  
GESTUAL PORTUGUESA**